

EDUCAÇÃO E REDES VIRTUAIS: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

Antônio A.S.Zuin – UFSCar

A história da aplicação de violências físicas e simbólicas em alunos se confunde com as origens dos processos de ensino e aprendizagem. Nos compêndios de história da educação, são frequentes as citações sobre as relações entre as mais diversas concepções didático-epistemológicas do ato de ensinar e as distintas formas de violência empregadas pelos educadores. Sabe-se que os alunos, por conta do receio de sofrerem retaliações, frequentemente reprimiram o ódio em relação ao professor. Mas, será que tal repressão implica no desaparecimento desses sentimentos? O principal **objetivo** deste mini-curso é argumentar que, em tempos da chamada cultura digital, os alunos encontram nas redes sociais um espaço para poder se expressar sobre seus professores, de tal maneira que se reconfiguram suas relações identitárias, sendo que este fato arrefece as bases do chamado currículo oculto. Assim, **justifica-se** a realização do mini-curso por meio das seguintes etapas: primeiramente, será feita uma análise histórico-filosófica do sadismo pedagógico e das relações ambivalentes de amor e ódio entre alunos e professores. Em seguida, pretende-se argumentar que, na sociedade da revolução microeletrônica, os alunos encontram, por meio do uso das novas tecnologias, formas de expor violentamente tais sentimentos outrora reprimidos em relação ao professor. Por fim, observa-se que as manifestações discentes nas comunidades virtuais promovem o rompimento de determinados tabus, tais como o do sexo e da morte, os quais se fizeram presentes desde os primórdios das relações entre professores e alunos.

Muito mais do que reações catárticas expostas num imenso muro de lamentações, as intervenções dos alunos, emitidas compulsivamente pelas redes sociais, representam o seguinte: a tentativa de serem percebidos e, assim, *permanecer* na memória de seus professores, quer seja pelo sexo exposto no espaço virtual, quer seja por meio da existência eletrônica do pós-morte após o cometimento do ato *Amok*, ato esse caracterizado pelo assassinato em massa de professores e colegas. Após análise dos dados apresentados, **conclui-se** o seguinte: por meio da utilização das novas tecnologias espetaculares, os alunos nos mostram que tal proximidade poderá ser obtida tanto de forma violenta, quanto pela aproximação amorosamente mais respeitosa. Portanto, as atuais relações estabelecidas entre os agentes educacionais precisam ser compreendidas por meio da análise da conversão da tecnologia como espécie de *modus vivendi*; como processo social que ressignifica também as identidades e os sentimentos ambivalentes

de tais agentes, permitindo fazer com que os educadores ouçam e percebam seus alunos de modo inaudito.

Sugestões de Leitura:

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Tradução de Estela de Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

TÜRCKE, Christoph. *Sociedade excitada: filosofia da sensação*. Tradução de Antônio A.S. Zuin, Fabio Durão, Francisco Fontanella e Mario Frungillo. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

TURKLE, Sherry. *Alone together – Why we expect more from technology and less from each other*. New York: Basic Books, 2011.

ZUIN, ANTÔNIO A.S. *Violência e tabu entre professores e alunos: a internet e a reconfiguração do elo pedagógico*. São Paulo: Cortez editora, 2012.